

DEUS COMO JUIZ SEGUNDO O APOCALIPSE

Marcus Mareano*

Resumo

O tema de Deus como juiz intriga aos crentes de diferentes confissões pelo terror que pode causar no ser humano. No entanto, a temática está no centro da mensagem das religiões antigas e modernas, exigindo daqueles que professam alguma fé a compreensão dessa realidade e uma melhor maneira de comunicá-la. O artigo apresenta essa temática segundo o livro do Apocalipse. Abordamos diferentes termos que se relacionam com o julgamento divino e analisamos as passagens bíblicas que expressam que “Deus julga”. Os juízos de Deus no Apocalipse consistem em uma maneira de falar da salvação realizada na história por Jesus.

Palavras-chave: Apocalipse. Julgamento. Deus.

Abstract

The theme of God as judge intrigues believers of different confessions by the terror it can cause in the human being. However, the issue is at the centre of the message of ancient and modern religions, demanding from those who profess some faith the understanding of this reality and a better way to communicate it as well. The paper presents this theme according to the Book of Revelation. We approach different terms that relate to divine judgment and we analyse the biblical passages that expressing that “God judges”. God’s judgements on the Book of Revelation consist of one mode of speaking of salvation accomplished in history by Jesus.

Keywords: Book of Revelation. Judgement. God.

* Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bacharel, mestre e doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) com uma tese de doutorado sobre os hinos no livro do Apocalipse.

Introdução

O título do artigo espanta e, ao mesmo tempo, aguça a curiosidade de muitos leitores. O último livro da Bíblia apresenta o julgamento de Deus contra as realidades que afligiam a comunidade cristã daquele tempo. Hoje, devido a muitas leituras fundamentalistas, a mensagem do Apocalipse se tornou desconhecida ou ignorada por muitas pessoas.

Desenvolvemos o assunto a partir da observação de que tanto o livro do Apocalipse quanto o tema do julgamento divino causa estranheza e medo. Para tanto, inicialmente, averiguamos como as Escrituras (Antigo e Novo Testamento) apresentam a temática e a relação do juízo de Deus com sua misericórdia. Em seguida, entramos no livro do Apocalipse, cujo enredo se desenrola como um julgamento e apresenta Deus como um juiz. Analisaremos palavras relacionadas com o tema do julgamento e explicaremos o sentido dos termos no Apocalipse. Por fim, verificaremos as passagens em que “Deus julga”, isto é, as ocorrências dessa ação divina como um juiz.

Para o presente estudo, fizemos algumas opções metodológicas: 1) preferências por bibliografia em língua portuguesa a fim de que o leitor aprofunde a pesquisa; 2) caráter teológico e pastoral mais do que exegético nas análises; 3) tentativa de colaborar para uma nova leitura e interpretação dos textos bíblicos e uma nova compreensão de Deus e da fé.

Nosso tempo presente carece de esperança e de motivos para crer em Deus. Por diferentes meios, às vezes, introjetamos uma imagem de Deus como juiz terrível que pune a humanidade e causa repugnância em alguns. Aprofundar a mensagem bíblica nos livra de um desespero ante as adversidades e nos conduz a um maior conhecimento do amor de Deus que permanece conosco (MESTERS; OROFINO, 2002, p. 26-27).

1. O Apocalipse e o julgamento: devemos temer?

As duas palavras que intitulam a seção causam um terror na maioria das pessoas que desconhecem os dois temas. Devido a uma leitura fundamentalista, ao imaginário criado pelos meios audiovisuais e à carência de autêntica experiência com Deus, associa-se o Apocalipse a uma mensagem terrível de destruição das coisas e o “juízo final” ao castigo divino pelos pecados humanos. Contudo, o exame mais apurado do conteúdo bíblico nos mostra outras possibilidades.

Quando analisamos a narrativa do Apocalipse, encontramos um texto cheio de imagens terríveis (dragões, chifres, trombetas, pragas), batalhas e destruições. Com ele, uma história de interpretação da sua mensagem como previsão do que acontece em nossos dias ou do que está por vir na humanidade. No entanto, trata-se de um escrito elaborado no final do século I (90-95 d.C.), quando a comuni-

dade estava perseguida, possuindo um conteúdo profético expresso por meio de um gênero apocalíptico (ARENS & MATEOS, 2004, p. 23-50).

A temática do “juízo divino” se torna temível quando se relaciona com uma imagem de Deus punitivo, observador dos atos humanos e castigador dos pecadores. Muitas pessoas portam consigo um desconhecimento de Deus revelado na vida de Jesus e descrito como “amor” (1Jo 4,8.16). Contudo, associar Deus a um juiz era uma maneira de expressar que a ação de Deus restabeleceria a justiça entre os seres humanos (BOVATI, 2010, p. 619).

Assim, quando unimos uma leitura do Apocalipse sob a ótica do juízo divino, poderia ser algo espantoso e repugnante. Conforme analisaremos, o enredo do Apocalipse mostra esse julgamento divino em prol de seu povo perseguido e tal julgamento é desejado para que a justiça se estabeleça.

2. O julgamento de Deus conforme as Escrituras

A mensagem do Apocalipse não está desconexa da compreensão bíblica de julgamento divino. Observamos que o autor do livro assume uma concepção desenvolvida nas escrituras judaicas e enriquecida com a experiência cristã, e expressa-a por meio do drama narrativo que temos. O julgamento de Deus no Apocalipse se realiza com os eventos.

O tema da “justiça” e do “juízo” divino está no centro das religiões antigas, principalmente as do entorno do Mediterrâneo (RUNESSON, 2008, p. 457). O povo de Israel pensava Deus como supremo juiz da terra (Gn 18,25) e fonte da justiça e do direito (Sl 97,2), pois Ele criou todas as coisas com equidade e justiça (Sl 99,1-4) (MAFICO, 1998, p. 1128). Seu julgamento se realiza continuamente na história humana (Dt 16,18-17,13; Am 5,12) até o dia do fim das opressões e injustiças, chamado pelos profetas de “dia do Senhor” (Zc 1,7; Ez 7,7; Jl 2,1), no qual Deus visitará seu povo e triunfará contra os inimigos (Is 61; Jr 23,1-4; Am 5,15; Zc 8,12-13) (RUNESSON, 2008, p. 459). Então, o julgamento de Deus se relaciona com a ação de Deus na história em sinal da sua fidelidade à aliança e em prol do povo de Israel. Embora a imagem de “juiz” remeta a punições e castigos, os textos também expressam o desejo por esse julgamento, pois ele representa o bem para o povo e o fim da injustiça.

A ideia de julgamento contínuo na história permanece no Novo Testamento, contudo refletido a partir do evento Cristo. Assim, o julgamento de Deus se realizou definitivamente com Cristo (Jo 16,11; 2Pd 2,4-5). Por meio de sua morte, Ele condenou os acusadores, perdoou os pecados e manifestou a justiça divina (Rm 3,25-26; Cl 2,13-15) (RUNESSON, 2008, p. 462). No entanto, aguarda-se sua segunda vinda para a plenificação desse julgamento inaugurado (Mt 11,22-24; Lc 21,34-36; At 17,31; Rm 2,5-11; Hb 10,25-31; 1Pd 1,17; 2,12; 1Jo 4,17-18),

que acontece diariamente no presente até a consumação futura (Jo 5,25-29; 12, 48-50) (RUNESSON, 2008, p. 463).

O tema não contradiz sua misericórdia e seu amor como poderia parecer. Ao contrário, a justiça de Deus demonstra seu amor pela humanidade e seu julgamento é a realização desse amor no drama da história humana que já se inicia.

Assim também, para outros textos das Escrituras, justiça e misericórdia não se contradizem, mas se complementam enquanto caracterização divina. Para a Torá, a salvação de um povo se realiza por meio da ação amorosa de Deus que liberta seu povo, portanto faz justiça, livrando-o da escravidão (Ex 2,23-25; 3,7-8) (SILVA, 2010, p. 860). Os profetas fazem ecoar a justiça e a misericórdia de Deus demonstrando sua ação como um defensor dos injustiçados e sofredores (Am 8,4-6; Mq 2,1-2; Is 10,1-2) (SILVA, 2010, p. 860). Diversos salmos confirmam essa conciliação entre a misericórdia de Deus e a sua justa ação com atenção aos menos favorecidos (Sl 25,7; 27,7; 78,38; 86,15; 100,5) (SILVA, 2010, p. 861). O que se verifica também em diversas passagens sobre a vida de Jesus e seus ensinamentos (Mc 1,41; 6,34; 9,36; 14,14; Mt 18,23-35; Lc 15,11-32) e que a comunidade cristã continuou e testemunhou a exemplo do mestre (Ef 2,4; 2Cor 4,1; 6,12; 7,15; Fl 1,8; 2,1; 1Jo 3,17) (SILVA, 2010, p. 862).

Apesar de muitos trechos do Apocalipse sugerirem uma ação divina contra outras pessoas, na verdade, esperava-se o fim daquela realidade aflitiva e que algo bom aconteceria com aquelas pessoas sofridas. Portanto, o enfoque da mensagem é na ação divina em prol do fim daquela perseguição e, por isso, a vontade de eliminar a adversidade.

Logo, o julgamento de Deus não se trata de um mero castigo para os pecadores, mas da ação salvífica de Deus na história a fim de amparar o ser humano do próprio pecado, manifestando seu amor pela criação e confirmando sua eleição pela humanidade. A justiça de Deus não se restringe apenas a um povo, mas se alarga para todos os povos.

3. O julgamento de Deus no Apocalipse

No livro do Apocalipse narra-se um julgamento de Deus contra os perseguidores da comunidade cristã (fera, Babilônia, Roma)¹. A comunidade mantém a esperança nesse julgamento como expressão de confiança em Deus contra as adversidades (6,9-11; 7,13-14; 11,16-19; 19,1-4) (SEIFRID, 2012, p. 792).

Diversas palavras expressam essa temática e se repetem na parte central do Apocalipse (4,1-22,5). Elencamos algumas principais cujo significado nas Es-

1. Para um quadro comparativo das diferentes passagens sobre a “besta”, ou como preferem algumas traduções (p. ex. CNBB), a “fera”: FRIEDRICH, 2002, p. 98-106.

crituras e o sentido no Apocalipse surpreendem um pouco e contribuem para explicitação da mensagem da ação divina. Em vez de assustar ou horrorizar, as expressões comunicam a atuação de Deus no drama da história humana.

3.1 *Destruir* (diaftheíro)

Diz respeito à destruição da maldade e daquilo que contrasta com os desígnios divinos (MERKEL, 2000, p. 545). No Apocalipse, ocorre sempre como consequências do toque da trombeta: destruição de um terço dos navios (8,9) e dos destruidores da terra (11,18). Deus “destrói” o que prejudica a humanidade a fim de estabelecer a paz.

3.2 *Ira* (orgé), *irar-se* (orgízo)

Tanto no Antigo como no Novo Testamento o termo se aplica também a Deus. Muitas vezes a palavra designa uma paixão humana, mas, quando atribuída a Deus, trata-se de uma atitude deliberada e firme (HAHN, 2000, p. 1037). Normalmente, usa-se em contextos de julgamentos para comunicar que Deus age decisivamente com determinação, não como os covardes e injustos (HAHN, 2000, p. 1038).

No Apocalipse, a palavra aparece designando a ira do Cordeiro (6,16.17), a ira de Deus contra as nações (11,18) e, ainda, com a expressão “o vinho da ira de Deus” (14,10; 16,19; 19,15). O verbo “irar-se” ou “enfurecer-se” (*orgízo*) ocorre uma vez para dizer que as nações se iraram (11,18) e outra vez o dragão se ira contra a mulher para guerrear contra os descendentes (12,17).

Portanto, a ira divina não é um defeito de Deus ou a raiva dele contra os humanos por causa dos pecados, mas sua ação amorosa determinada e em prol de sua salvação.

3.3 *Julgamento(s)*, *juízo(s)* (krísis)

Um conceito dinâmico para comunicar a contínua presença salvadora de Deus na história. Essa palavra, muitas vezes, associa-se aos conceitos jurídicos humanos, no entanto, o julgamento de Deus revela seu amor e sua escolha pela humanidade (SCHNEIDER, 2000, p. 1104).

As ocorrências no Apocalipse sempre se referem aos julgamentos divinos: Ele está chegando (14,7); eles são justos e verdadeiros (16,7; 19,2), o julgamento contra a Babilônia demorou uma hora (18,10). Deus não tarda na sua ação pelos seus eleitos.

3.4 *Justiças* (dikaiómata)

Caracterização do agir divino. Uma vez aplicado a Deus (15,4), para informar que os julgamentos se tornaram manifestos. Outra vez, aplicado aos santos (19,8) como caracterização do linho que vestia os seguidores do Cordeiro. Tanto Deus quanto os seguidores do Cordeiro demonstram a justiça por meio dos atos.

3.5 *Reinar* (basileuo), *reino* (basileia)

Há uma especificidade do termo no Apocalipse por causa do contexto histórico de idolatria ao Imperador romano e de propaganda do Império. Assim, o Apocalipse mostra a soberania de Deus, o verdadeiro Reino, e a fugacidade das coisas terrenas. O Evangelho de Jesus acerca do “Reino de Deus” aparece em uma contextualização criativa (KIM, 2012, p. 1089).

As ocorrências do verbo dizem respeito à ação de Deus. Seja porque Deus (19,6) e Cristo (11,15.17) reinarão (KONINGS, 2003, p. 97-98). Seja porque as testemunhas de Cristo, por causa da oferta da própria vida, participarão da realeza com Deus e o Cordeiro (5,10; 20,4.6; 22,5). Enquanto o substantivo “reino”, uma vez se menciona a derrota do Reino de Roma (16,10), outra vez de forma generalizada (1,9) e as outras menções dizem respeito ao Reino de Cristo (11,15) e de Deus (12,10).

3.6 *Vingar* (ekdikéo)

Significa reclamar e reivindicar: Deus reivindica seu povo eleito dos inimigos. As passagens que apresentam esse termo no Novo Testamento se referem às tradições do Antigo Testamento (FALKENROTH, 2000, p. 311). No Apocalipse, a palavra expressa duas vezes como Deus vingando o sangue do seu povo (6,10; 19,2). As passagens denotam que Deus quer fazer justiça (reivindicar - vingar) às testemunhas que doaram a própria vida por Ele.

3.7 *Vencer* (nikáo)

Pressupõe uma rivalidade e um conflito entre Deus (ou Cristo) e os poderes adversos (GÜNTHER, 2000, p. 1212). Deus garante a vitória do seu povo, vencendo os adversários.

No Apocalipse, verificamos as seguintes ocorrências: 2,7.11.17.26; 3, 5.12.21; 5,5; 6,2; 11,7; 12,11; 13,7; 15,2; 17,14; 21,7. O termo é valioso, pois das vinte e oito vezes que ocorre no Novo Testamento, dezessete delas se localizam no último livro da Bíblia. O verbo se refere a Cristo e aos cristãos, exceto em 11,7; 13,7, que se refere à fera.

4. Deus agindo como um juiz

Para o presente trabalho, interessa-nos, sobretudo, a análise do verbo julgar (*krino*: 6,10; 11,18; 18,8.20; 19,2.11; 20,12.13). No Apocalipse, ele ocorre oito vezes e Deus sempre é sujeito do verbo. Portanto, para o autor do livro, além do tema do julgamento ser imprescindível, ele revela a ação divina a favor de seu povo.

A primeira ocorrência do verbo se situa no contexto da ruptura dos selos do livro (6,1–8,1). Especificamente na abertura do quinto selo (6,9-11), aparecem as testemunhas de Jesus sob o altar representando sua união à oferta de Cristo à humanidade. Tais mártires pedem a Deus que Ele julgue mais rapidamente possível (6,10). Aqui e em 19,2 o verbo “julgar” aparece associado ao verbo “vingar”. Portanto, o texto propõe mais uma súplica pelo cumprimento da vontade de Deus, sua justiça, do que a espera de sua vingança pessoal (PRIGENT, 2002, p. 136).

Após a ruptura dos sete selos, segue o toque das sete trombetas com três “ais” nas três últimas trombetas (8,6–11,19). A ocorrência do verbo “julgar” acontece em um hino (11,15-18) que coincide com o toque da última trombeta e o terceiro “ai”. O hino celebra a realeza de Deus com o julgamento dos mortos, a recompensa dos servos e a destruição dos destruidores (11,18). Há uma alusão a Sl 2,1-5; 99,1. O julgamento é desejado e descrito de maneira celebrativa como se já acontecesse (PRIGENT, 2002, p. 204). No entanto, na narrativa, o julgamento só se concluirá no capítulo 20.

O capítulo 18 do Apocalipse constitui a queda da Babilônia, ápice do julgamento de Deus no livro. Nele, se situam duas passagens com a ocorrência do verbo “julgar” (18,8.20). Na primeira (18,8), aparece como uma caracterização divina e se refere a Jr 50,43. Na segunda, Deus julga a causa dos santos, dos apóstolos e dos profetas contra Babilônia (18,20). Ao julgar Babilônia, Deus faz justiça aos cristãos (PRIGENT, 2002, p. 321). O julgamento divino responde ao sofrimento das pessoas da comunidade (NOGUEIRA, 1992, p. 98).

Então, o capítulo seguinte celebra a queda da Babilônia. Um hino alegre e de convite ao louvor abre a narrativa de júbilo (19,1-8). Nele, proclama-se que “Deus julgou a grande prostituta” (19,2). O que antes consistia em anúncio (14,7-8), lê-se realizado na perspectiva da fé (PRIGENT, 2002, p. 328). Como em 6,10, o verbo “julgar” aparece mais uma vez associado a “vingar” o sangue dos servos da corrupção de Babilônia (14,8; 17,2.5; 18,3). O julgamento de Deus também considera a reparação da maldade das adversidades.

O ato de Deus se transfere ao Messias (19,11-21). Então, aquele que montava o cavalo branco, o Messias, “julga e combate com justiça” (19,11), continuando o que começara por Deus. Há uma alusão ao texto de Is 11,4, no qual o Messias vem julgar os pobres com justiça. Deve-se compreender que o Messias

também participa do julgamento divino, ou seja, reina e exerce seu poder com Deus (PRIGENT, 2002, p. 343).

Por fim, a cena do reinado de mil anos (20,1-15). O trecho narra a ressurreição dos mortos conforme o imaginário judaico e dos primeiros cristãos. Os vv. 12-13, em que aparece o verbo “julgar”, descrevem a visão dos mortos diante do trono de Deus e a abertura do livro da vida: Deus conhece as ações e a história de cada pessoa como se tivesse anotado. Então, cada um é julgado por Deus conforme esse “livro”, quer dizer, de acordo com a vida que cada pessoa escolhe viver na relação com Deus e com os outros.

Os textos nos quais ocorrem o verbo “julgar” apresentam Deus como sujeito que executa essa ação. No entanto, ao invés de provocar susto ou medo, o julgamento divino restabelece a justiça, liberta os oprimidos das situações adversas e restaura a comunhão entre as pessoas. Portanto, não pode ser um tema que devemos evitar por imaginar um Deus cruel e punitivo, mas compreender o julgamento no horizonte do amor de Deus pela humanidade. Logo, Deus não é um juiz que procura os erros para punir, mas um Pai misericordioso que perdoa e ama.

Considerações finais

No imaginário de muitas pessoas há um Deus punitivo que anota as ações dos seres humanos para julgar no dia da morte e dar uma recompensa (céu, inferno, purgatório) conforme as próprias obras. Por isso, o medo da morte, do julgamento e de Deus.

No livro do Apocalipse há uma trama de um julgamento cujo juiz é Deus. No entanto, conforme averiguamos nas diversas passagens, não se trata de algo para assustar-se ou temer, mas para ansiar a realização, pois o julgamento de Deus consiste na manifestação de seu amor pela humanidade, consequentemente, o perdão, a acolhida e a misericórdia. Portanto, comunicar os “juízos de Deus” significa demonstrar o quanto Ele ama a humanidade e convida à conversão.

Diversas declarações no Apocalipse transmitem a imagem do julgamento. Na nossa linguagem atual, expressões como: destruir, irar-se, ira, julgamento, justiça, reinar, reino, vingar e vencer, exprimem um contexto horrível de batalhas e execuções. Contudo, analisando o sentido bíblico das palavras, considerando o ambiente no qual o Apocalipse foi escrito e a ocorrência dos termos no livro, tais expressões contribuem para comunicar que Deus ama seu povo e não o abandonou à mercê das dificuldades do tempo. As variadas maneiras de tratar dos juízos divinos querem manifestar a salvação de Deus realizada por Jesus Cristo na história (PRIGENT, 2002, p. 445).

Finalmente, observamos a ação de Deus como juiz: as ocorrências do verbo “julgar” tendo Deus como sujeito. As passagens (6,10; 11,18; 18,8.20; 19,2.11; 20,12.13) elucidam a eficácia e a determinação de Deus, com o Cordeiro, em prol

dos seus escolhidos e contra a adversidade (fera, Babilônia, Roma etc.). Portanto, dizer que Deus julga compreende-se que Ele age a fim de que a justiça aconteça e a opressão termine.

Para nossos dias, o tema continua pertinente não apenas no âmbito eclesial, para que as pessoas de nossas comunidades não tenham medo de Deus, mas também no âmbito social. Podemos acreditar que as adversidades presentes (governos, sistemas, mentiras, injustiças etc.) serão destruídas e seremos mais livres. Nossa fé em Cristo nos ajuda a viver a salvação que se realiza nessa história até sua consumação.

Marcus Mareano

Rua Macaé, 629 – Graça

31140-060 Belo Horizonte, MG

e-mail: marcusmareano@gmail.com

Referências

ARENS, Eduardo & MATEOS, Manuel Díaz. *O Apocalipse: a força da esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.

BOVATI, Pietro. Giudizio. In: PENNA, Romano et al. (org.). *Temis teologici della Bibbia*. Milão: San Paolo, 2010, p. 618-628.

FALKENROTH, U. Vingança. In: COENEN, L. & BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 307-313.

FRIEDRICH, Nestor. A besta no Apocalipse: uma descrição. *Estudos Bíblicos*, n. 74, v. 4, p. 96-106, 2002.

GÜNTHER, W. Luta, vitória. In: COENEN, L. & BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1.211-1.213.

HAHN, H. Ira. In: COENEN, L. & BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1.032-1.040.

KIM, S. Reino de Deus III: Atos, Hebreus, Cartas Gerais, Apocalipse. In: REID, Daniel (ed.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2012, p. 1.080-1.089.

KONINGS, Johan. O senhor passou a reinar (Ap 19,6). *Estudos Bíblicos*, n. 78, v. 2, p. 95-101, 2003.

MAFICO, Temba. Just, Justice. In: FREEDMAN, D. (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. Vol. 3. Nova York: Doubleday, 1998, p. 1.127-1.129.

MERKEL, F. Destruir. In: COENEN, L. & BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 545-547.

MESTERS, Carlos & OROFINO, Francisco. *Apocalipse de São João: a teimosia dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOGUEIRA, Paulo. A realização da justiça de Deus na história: algumas considerações sobre a tradição da inversão escatológica no Apocalipse 18. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 11, v. 1, p. 98-104, 1992.

PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

RUNESSON, Anders. Judgment. In: KUTSKO, J. (dir.). *The New Interpreter's Dictionary of the Bible*. Vol. 3. Nashville: Abingdon, 2008, p. 457-466.

SCHNEIDER, W. Julgamento. In: COENEN, L. & BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1.100-1.105.

SEIFRID, M.A. Juízo III: Atos, Hebreus, Cartas Gerais, Apocalipse. In: REID, Daniel (ed.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2012, p. 790-794.

SILVA, Rafael Rodrigues. Misericórdia. In: PENNA, Romano et al. (orgs.). *Temî teologici della Bibbia*. Milão: San Paolo, 2010, p. 857-863.